

## Capítulo 25

### O Corredor

A confusão invadiu a minha mente conforme me dava conta que, de alguma forma, eu havia parado em um lugar completamente diferente do que estava apenas alguns instantes atrás. Tudo que eu havia feito era me virar no mesmo lugar, então como poderia ter parado em um corredor sem saída? Algo me dizia que o Núcleo era o responsável, mas *como* eu não sabia dizer.

Levei minha mão até a parede atrás de mim, não parecia haver nada de errado com ela. A sensação de pedra coberta por uma camada umedecida era exatamente igual às outras no porão. Aproveitando a luz que ainda restava no frasco, decidi seguir o único caminho disponível: em frente:

O corredor pareceu se estender pelo o que parecia uma eternidade. Não importava o quanto eu andava, as paredes sempre pareciam idênticas. Eu começava a achar que estava andando em círculos, de alguma forma, quando finalmente uma escada descendo na escuridão a minha frente. Eu tive tempo apenas para constatar que a descida era das longas antes da luz do frasco finalmente se apagar, a escuridão voltou a tomar conta do local. Decidindo que seria perigoso descer a escada agora que meus olhos haviam se desacostumado com a escuridão, tirei o segundo frasco do meu bolso e o sacudi, ascendendo-o.

Respirando fundo, comecei minha descida, logo me arrependi, pois, a umidade no ar misturada com o que quer que estivesse cobrindo essas paredes fizeram o interior de meu nariz sentir uma leve queimação e um leve ataque de tosse. Incômodo, mas nada que impedisse minha descida.

Depois daquela escada, havia mais um corredor seguindo em frente. E depois desse corredor uma escada subindo, e outro corredor, e outra escada subindo, e outro corredor, e então duas escadas descendo, e então um corredor. Eu continuei andando por horas, perdi a conta três vezes e tive que recomeçar. Minha barriga roncava e minhas pernas começavam a cansar. E mesmo assim, a única coisa à minha frente era a escuridão.

\*

# ESTRELA MORTA

—A Dor Abaixo—

Com um passo em falso, pulei o último degrau da escada, fazendo com que eu tivesse que me jogar contra a parede caso não quisesse cair de cara no chão. Eu estava cansado, podia sentir o suor grudando minha camisa ao meu peito. Tudo parecia desconfortável. Todos os meus pertences pareciam pesados demais para continuar os carregando. Eu só queria sentar e descansar, mas, toda vez que tentava, as trevas faziam com que a experiência fosse ainda mais cansativa do que andar.

Com um ritmo descompassado, eu segui em frente. Quantas escadas eu havia visto desde que havia me separado de Tigresa? Vinte? Trinta? O quão fundo era aquele porão afinal de contas? Eu com certeza havia subido mais do que descido, então por que eu ainda não havia voltado para casa? Ah, isso era irritante. Pensar era irritante. Respirar era irritante.

Mais uma escada subindo, e, mais uma vez, a cada degrau parecia que havia pesos pendurados em minhas pernas. Eu estava assado entre as pernas, suando ao ponto de encharcar minha camisa e ainda por cima o ambiente frio fazia com que meu corpo inteiro tremesse por causa disso. E nem estava mais bravo, apenas cansado. Tão cansado. Mas eu não podia descansar. Eu tinha que continuar subindo. Eu poderia descansar quando visse a luz do sol. Ou da lua. Qualquer luz. Qualquer uma serviria.

No topo da escada, finalmente encontrei uma sala diferente. Ela era redonda, enquanto os corredores eram retangulares. Havia três saídas à minha frente. E também algo no chão, mas eu não conseguia enxergar no escuro, então usei meu penúltimo frasco.

No centro da sala havia um prato com um pão e um copo com água. Ao vê-los, senti minha barriga roncando. Quem havia colocado aquilo ali? O Núcleo? Era óbvio que era uma armadilha, então continuei pela porta do meio, seguindo em frente. Porém dessa vez sabendo que eu estava com fome.

\*

Era difícil manter o foco. Os corredores estavam mais longos. Ou talvez eles só parecessem mais longos. E as escadas íngremes, tanto que precisava usar ambas as mãos para ajudar a subir. E o cansaço. Tão grande, os olhos ardiam. Mas toda vez que deitava, eles pareciam arder mais, pequenas patas andando pelo corpo. Mesmo quando apenas piscava, era como se insetos invisíveis viessem.

E então mais uma sala redonda. Mais um prato e copo. Fome tão grande, barriga nas costas. A casca estava dura, provavelmente era velho, e a água tinha um gosto estranho. Mas ajudava, pelo menos um pouco.

# ESTRELA MORTA

— A Dor Abaixo —

Desta vez fui pela direita, e então pisquei. Quando abri, estava de frente com uma escada. Um passo e já estava no topo dela. Era difícil manter o foco. Como se algo estivesse me puxando.

— E você me pedia para te deixar sair.

Uma voz veio de trás de mim. Olhei e não vi ninguém.

— Francamente, você está mais acabado do que durante os treinos.

Novamente atrás de mim. Sempre atrás. Era Alana, eu percebi. Mas por que ela estava ali?

— Alana?

Minha voz estava rachando. Ficava quieto por muito tempo.

— Sempre querendo sair da escola. Agora que conseguiu, isso é tudo que pode fazer aqui fora?

— Eu...

— Você foi abandonado, Brayan. Mas isso não significa que esteja tudo bem em se rastejar.

— Não...

— Em frente, Brayan. É tarde demais para você olhar para trás.

Muito perto, eu podia sentir a respiração dela na minha nuca. Mas então ela parou. Eu a procurei. E então desisti. Alana estava certa, eu tinha que seguir em frente. Sempre em frente. Não havia outro caminho.

✱

Eu não estava mais sozinho. Duas sombras andavam na minha frente. Uma grande, uma pequena. Sempre três passos a minha frente. Sempre andando. Eu tentei alcançá-las, eu tentei falar com elas, mas estava sendo idiota. Sombras não falavam, muito menos podiam ser tocadas. As pessoas estavam três passos atrás de mim, sempre atrás de mim, então eu nunca os vi. Mas estava tudo bem, só não queria ficar sozinho.

Uma sombra parou, uma de suas pernas havia sumido. Eu me assustei e caí. O copo d'água esparramou. Minha sede era grande. Me assustei. Comecei a lamber as poças de água. E então subi a escada, mas estava descendo. Era difícil manter o foco. Corredor, sala, escada, comida. As sombras sumiram. Me assustei.

— Por que você se assusta tanto com tudo?

Não reconheci a voz. Estava deitado. Pesado demais para levantar.

— Por que se assusta tanto?

— Você é forte.

# ESTRELA MORTA

—A Dor Abaixo—

- Por que se assusta?
- O mais forte.
- Por quê?
- Em frente.
- Abandonado.
- Exagero.
- Doí demais.
- Assusta.

Várias vozes. Elas não paravam. Por que não paravam? Eram irritantes. Eu me arrastei para frente, queria me afastar das vozes.

- Caminho errado.
- Cego.
- Por que não se lembra?
- Por que não quer se lembrar?
- Você já o matou.
- Você matou todos eles.
- O herói.
- A vítima.
- Ele te observa.
- Desde sempre.

Mais rápido. O corredor era muito íngreme. Precisava me afastar mais rápido.

- Eles vão morrer também.
- De novo e de novo.
- Nas suas veias.
- O seu sangue.
- A sua mente.
- Por que se assusta tanto?
- Você é o mais forte.
- Por quê?
- Um verme é sempre um verme.

A voz veio à minha frente. Olhei para cima. Vi Veraprata.

- Sempre falando e falando, mas no final, você sempre se rasteja.

Eu o ignorei, continuei indo em frente, mas então ele pisou no meu braço. Eu o senti quebrando, eu o escutei quebrando. Eu gritei.

# ESTRELA MORTA

— A Dor Abaixo —

— Você acha que pode me ignorar? Você não tem esse direito. Eu criei vocês. Eu criei todos vocês. Você é meu, você me pertence. Mesmo que me mate, mesmo que esqueça. Eu sempre vou ser seu dono.

Eu tentei continuar andando. Mas então ele pisou em minhas pernas. A dor, tão grande. Lágrimas, quentes, correndo.

— Por que se esqueceu?

E então uma luz entrou na sala. Pálida, fraca, a lua. Eu olhei para cima, estava fora, em um galpão. Tentei me levantar, mas minhas pernas estavam quebradas. Eu tentei olhar em volta, vi pessoas. Pensei em pedir ajuda, mas eles estavam ocupados.

Vários homens, eles estavam ajudando uma garotinha a se vestir. Mas ela não parava de se mexer. Acabou rasgando suas roupas e caindo. Os homens foram para cima, tentando ajudar. A garota não parava de gritar, se debater. Eu queria mandar ela ficar quieta. Eles iriam me ajudar depois de ajudar ela.

Um grasnado veio de cima. Eu vi um corvo. Terror. Medo. Os homens gemiam, a garota chorava. O chão tinha respingos vermelhos e brancos. Eu tentei me aproximar. Eu tentei me arrastar. Os homens sumiram. A garota estava deitada. Suas pernas manchadas de vermelho, suas roupas de branco. Ela mal respirava. Terror. Grasnados. Barulho. Terror. Terror. Terror. Terror. Terror. Fedor.

— Você é o mais forte.

— Nos deixe entrar.

— Nós queremos matar eles.

— O Núcleo.

— Nos deixe entrar.

— O herói.

— A vítima.

— Nós também.

Uma cobra negra se enrolava ao redor do meu braço direito. Ela estava falando. Esse tempo todo era ela falando. A cobra negra com olhos vermelhos. A garota soluçou, seu rosto branco se virando para mim.

— Brayan, você tem que gritar.

Eu não entendi. Eu não queria entender.

— Se você gritar, eles vão te escutar. Se eles te escutarem, eu vou te escutar. Então você tem que gritar.

Eu não queria gritar. Eu não podia gritar.

— Em frente, Brayan.

# ESTRELA MORTA

—A Dor Abaixo—

A garota havia se levantado, minha cabeça estava em seu colo. Ela era pequena, muito pequena.

— Não importa como, você sempre pode seguir em frente. Então pegue todos os seus medos e os use.

Eu entendia. Mas não queria. Era muito assustador.

— Nós vamos te escutar. Então grite. Faça com que eles sintam o seu medo.

— O mais forte.

— O mais fraco.

— Nós também.

— Nós também.

— A vítima.

— O vilão.

— No fim, todos somos apenas parte.

— Parte do rei.

— Parte da morte.

— Vocês sabem.

A cobra estava quase em meu pescoço. Mas ela não se aproximava de onde a mão da garotinha estava.

— Você pode vencer, Brayan. Você já venceu.

Os corvos desceram, cobrindo tudo. Menos em um canto. Algo já estava ali. Uma pessoa, mas diferente. E então eu percebi. Não era uma pessoa. Era Um Resquício. O Núcleo.

— Grite, Brayan. Raiva não é a única coisa que te empurra para frente.

Eu entendi. E eu gritei. Como toda a minha força. Com toda a força dela. Com toda a força das sombras que estavam ao meu redor. Eu gritei até que senti minha alma saindo de meus pulmões. O grito fez os corvos fugirem, fez com que a garota sumisse, com que a luz da lua sumisse. Eu estava de volta na escuridão, mas não parei de gritar.

Eu senti meu grito alcançando alguém, eu senti enquanto mais e mais de mim saía naquele grito. E então uma grande explosão, a luz inundou a sala. Então Tigresa entrou, carregando um frasco ainda mais brilhante do que o meu.

— Brayan! Então era aí que você estava!

Ela correu para o meu lado, ela parecia mais preocupada do que o de costume.

— Já fazem dois dias que eu estou te procurando. Por que você só liberou o seu Miasma agora!? Eu poderia ter te achado antes.

Um barulho veio do canto. O Núcleo estava se encolhendo. Ele não parecia gostar da luz. Tigresa parecia estar se preparando para matar ele, mas eu a segurei.

# ESTRELA MORTA

— A Dor Abaixo —

— Eu vou.

Foi tudo que consegui dizer antes de me levantar. Minhas pernas não estavam quebradas, no fim das contas. Eu levei minha mão até minha espada, mas, desta vez, a lâmina se encolheu, até que se transformou em uma faca.

O Núcleo estava assustado demais para se mover. Ele tentava cobrir seu rosto com as mãos. Então eu decepei seus dedos, para que ele não pudesse fugir da luz. Mas então ele guinchou, um barulho tão irritante que me arrependi de cortar seus dedos. Então eu furei seus olhos, até que eles não pudessem mais ver a luz.

Porém ele continuou guinchando. Eu então cortei sua garganta. E furei seus pulmões. E abri sua barriga. Logo eu e ele estávamos cobertos em sangue negro, e ele finalmente ficou quieto. E quando fechei os olhos, não havia patas andando sobre mim.

— Finalmente.

Eu disse, antes de cair sobre o corpo do Núcleo, dormindo tão bem como não havia em anos.